

Garota, guerreira, herege... e santa



Romance

JOANA D'ARÇ

Katherine J. Chen



Planeta minotauro

Romance

JOANA D'ARC

Katherine J. Chen

 Planeta minotauro
Garota, guerreira, herege... e santa

Tradução

Flávia Souto Maior

Copyright © Katherine J. Chen, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Flávia Souto Maior
Todos os direitos reservados.

Título original: *Joan*

Esta tradução foi publicada por acordo com a Random House, uma marca e uma divisão da Penguin Random House LLC.

Joana d'Arc é uma obra de ficção histórica. Além das pessoas, eventos e locais reais e conhecidos que figuram na narrativa, todos os outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos atuais ou localidades, ou com pessoas vivas, é mera coincidência.

Epígrafe da página 7: selecionada e traduzida para o inglês por Craig Taylor.

Joan of Arc: La Pucelle. Manchester: Manchester University Press, 2006, p. 84

(Copyright © Craig Taylor, 2006). Tradução para o português: Flávia Souto Maior.

Preparação: Laura Figueira

Revisão: Andréa Bruno e Elisa Martins

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa e ilustração de capa: Marina Banker

Imagens de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Chen, Katherine

Joana d'Arc / Katherine Chen; tradução de Flávia Souto Maior. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
384 p.

ISBN 978-85-422-2024-7

Título original: *Joan: a Novel of Joan of Arc*

1. Ficção norte-americana 2. Joana, d'Arc, Santa, 1412-1431 -
Ficção I. Título II. Maior, Flávia Souto

22-6684

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

REPRODUÇÃO ANTECIPADA PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA





reino da França está em guerra com a Inglaterra há quase cem anos, resultado de uma disputa antiga impregnada de território e sangue.

O atual rei da França é Carlos VI, também conhecido como Carlos, o Bem-amado, ou Carlos, o Louco. É um homem delicado que sofre de episódios psicóticos intermitentes e acredita que é feito de vidro. O atual rei da Inglaterra é Henrique V, o extremo oposto do pobre e louco Carlos. Verdadeiro rei guerreiro, determinado a subordinar a França ao domínio da Inglaterra, Henrique é um monarca que deve ser levado a sério e temido, um homem com firmeza de propósito. Sob a liderança militar de Henrique V, a Inglaterra tem uma sucessão de vitórias, incluindo a Batalha de Azincourt, em 1415, e controla a Normandia, Paris e quase todos os territórios ao norte do rio Loire.

No vácuo deixado pelo rei francês incapacitado, dois indivíduos lutam pelo poder: Carlos VII, o delfim, ou filho mais velho sobrevivente do rei da França, e o primo de seu pai, João Sem Medo, o influente e ambicioso duque da Borgonha. Em maio de 1418, João toma Paris, expulsando o delfim da capital. No entanto, apenas um ano depois, Carlos VII acaba se envolvendo no assassinato de João durante um encontro para estabelecer uma trégua, em uma ponte na cidade de Montereau-Fault-Yonne. Trata-se de um grande equívoco político, que deflagra uma desastrosa série de eventos para o delfim: como resultado da morte de seu pai, o único filho de João, Filipe III, novo duque da Borgonha, jura vingança a Carlos VII, seu primo, e promete auxiliar os ingleses contra os franceses. Há, assim, três forças em jogo durante esse período: Inglaterra e Borgonha, aliadas, de um lado e França do outro.

Em 1420, em um grande golpe político, Henrique V da Inglaterra e Carlos VI da França assinam o Tratado de Troyes. Segundo esse tratado, o desventurado delfim sai da linha de sucessão ao trono francês e um casamento é arranjado entre Henrique V e Catarina de Valois, filha mais nova de Carlos VI. O Tratado de Troyes declara que o filho (e futuros descendentes) de Henrique V e Catarina de Valois vai governar os dois reinos e que Henrique vai substituir o delfim como herdeiro do trono de Carlos VI.

Tais acontecimentos levam o agora “ilegítimo” delfim, um jovem de dezessete anos, a se refugiar no Vale do Loire, onde estabelece sua própria corte. É um período turbulento. Uma cidade tomada pelos ingleses em um dia pode ser retomada pelos franceses no outro e vice-versa. Embora Carlos VII tenha seus apoiadores – aqueles que não reconhecem nem aceitam os termos do Tratado de Troyes acreditam que sua reivindicação do trono é válida e não desejam viver sob o domínio da Inglaterra –, trata-se de um período infeliz para a França e seu povo. Existe muita coisa contra o delfim. Sua mãe, Isabel da Baviera, não o reconhece mais como filho. Sua irmã, Catarina, está unida em matrimônio a seu inimigo inglês. E a Inglaterra tomou grande parte das terras francesas, embora isso não tenha lhe custado pouco. Apesar de ser herdeiro do trono francês por laços de sangue, o delfim deve acabar com a guerra com a Inglaterra e a Borgonha se algum dia quiser reafirmar sua majestade e reinar em paz.

É aí que começa nossa história.

I



DOMRÉMY, VERÃO DE 1422



trabalho dela é selecionar pedras. Não seixos, mas pedras pesadas, irregulares e com bordas afiadas. Enquanto os garotos de Domrémy se reúnem no campo, Joana está curvada sobre o solo, desenterrando mísseis com os dedos empretecidos. A barra da saia, que ela agarra com o punho bem cerrado, faz as vezes de uma trouxa que carrega os duros tesouros.

Quando seu irmão Jacquemin assobia, os outros vão se aproximando, um exército evasivo e indefinido do qual ele é capitão, sendo o mais velho – dezesseis anos – e mais alto. Saindo de sua boca, um ramo de trigo se curva em um longo arco como se fosse um bigode de gato. Ele olha para o calor abrasador do sol vespertino em um céu azul límpido e estica a perna, sacode o pé como se quisesse acordá-lo. Sobre eles, sopra um vento quente, agitando alguns fios de cabelo em cada cabeça. Uma quietude atinge a grama. Um garoto abre a boca para bocejar.

Ela mostra sua coleção a Jacquemin, que acena com a cabeça. Como capitão, tem o direito de escolher primeiro as pedras. Pega duas das maiores para si e aponta com os olhos na direção do restante de seus homens. Ela passa lenta e deliberadamente pela fileira. O que distribui não é determinado de maneira aleatória. Ela examina cada mão estendida, avaliando se está acostumada a farpas, cortes e arranhões, a brigas em pátios ou palheiros, ou se ainda não foi iniciada nos ritos das rixas infantis e do trabalho duro. Ninguém quer dar a um garoto

uma pedra maior que a palma de sua mão que ele não possa agarrar com os dedos e arremessar com precisão. Então ela dá aos amigos do irmão, os meninos apumados de doze e treze anos, as pedras que acha que lhes cabem: ásperas e pesadas.

Para o menor desse exército improvisado, um menino que conhece apenas de vista e de nome, ela guarda as melhores. Ele tem sete anos, três a menos que ela, e rói as unhas de uma das mãos com cuidado, até mesmo com ponderação, enquanto balança a outra ao lado do corpo. Quando ela lhe oferece o prêmio, ele não o segura, então ela tem que pegar a mão que não está na boca dele e colocar as duas pedras nas palmas. Em se tratando de pedras, uma delas é comum. Mas a outra é lisa e estreita, fácil de segurar. Diferentemente do restante, tem uma borda serrilhada. Ela havia sorrido quando sua mão roçara a parte afiada daquela pedra na terra quente.

— Eles podem não dar as caras — Jacquemin diz a todos, já entediado. Joga uma pedra como um malabarista prestes a iniciar uma apresentação, pegando-a com um pequeno floreio. — São covardes — acrescenta.

Mas, no mesmo instante, atrás deles, na borda da clareira: um farfalhar, uma movimentação tão sutil que eles se assustam e ela sente o coração bater dentro dos ouvidos. O inimigo chegou, e, por um momento, apenas um momento, eles ficam confusos com o que veem. É como se estivessem olhando no espelho: para cada garoto da francesa Domrémy que ali está há uma contraparte, um gêmeo, da vila borgo-nhesa de Maxey, vizinha a menos de uma hora de caminhada em um dia bom, seus arquirrivais. Dez contra dez.

Como décima primeira, ela se destaca: uma garota vestindo lã vermelha desbotada, de cabelos escuros e emaranhados que passam dos ombros. Jacquemin diz em um resmungo baixo:

— Saia do caminho, Joana.

Ela olha feio para ele e segue, em seu próprio ritmo, para o perímetro do campo de batalha. Encosta em uma árvore, cruza os braços e observa a cena. Seu irmão não sabe, mas ela guardou três pedras no bolso e, quando olha para baixo, avista a seus pés um galho grosso como um bastão. É bom estar preparada.

São, de ambos os lados, bandos de esfarrapados. Dá para ver onde as mãos ou irmãs remendaram suas túnicas e calças, os quadrados desbotados costurados nos joelhos e cotovelos, onde o tecido se desgasta com facilidade. Quase dá para ouvir o ronco coletivo dos estômagos. Garotos vivem com fome, por mais que suas porções costumem ser maiores e, na casa dela, seja preciso comer às pressas para garantir a cota de pão e ensopado. Ela sabe muito bem, pois tem três irmãos (dois mais velhos e um mais novo). Quando há pouca comida, eles ficam falando sobre o que comeriam se pudessem: cortes de carne gorda, filés de truta recém-pescada, os banquetes que dariam se fossem lordes. Às vezes, quando estão de bom humor, eles a deixam ficar agachada lá perto e escutar, e sua boca se enche d'água, pois tem o mesmo apetite que eles e também vive com fome. Mas normalmente eles a expulsam e, se não conseguem expulsá-la porque, como uma parede, ela não sai do lugar, param de conversar até ela se cansar do silêncio e sair por vontade própria.

Ninguém sabe ao certo como começaram essas falsas batalhas ou por que os garotos da Domrémy francesa e da Maxey borgonhesa empunham pedras, quando seus pais são capazes de manter uma paz cautelosa entre si. Mas aí estão, esses garotos, no campo. Aí estão, cara a cara, limpando restos turvos de muco nas mangas da roupa, rubicundos não de raiva, mas do calor de um dia de verão. Aí estão, olhos duros, rostos inexpressivos, mandíbulas fixas. Apenas alguns entre eles, ela pensa, parecem guerreiros natos: sempre dá para identificá-los; é a forma como encaram o inimigo sem pestanejar, sua quietude e silêncio, como erguem e sustentam a cabeça. Os garotos de Maxey chegam preparados. Tiram as mãos dos bolsos e mostram as palmas cheias de pedras escuras. Ela se pergunta de qual deles seria a irmã que os teria ajudado a coletar aquelas pedras. Será que os mísseis selecionados por outra garota, uma equivalente borgonhesa dela mesma – talvez também chamada Joana –, seriam tão bons quanto os que ela tinha encontrado naquele lugar? Ela achava que não. Havia escolhido as melhores pedras para o exército de seu irmão.

Como se inicia uma batalha? Que lado dará o primeiro golpe? Ou começa tudo de uma vez, como as mãos se encontrando para uma

oração? É uma questão sobre a qual ela e seu tio Durand Laxart reviraram durante as muitas visitas dele. Apesar de sua origem humilde e da falta de estudo, seu tio é um pensador, um contador de histórias, um viajante que viveu a vida de dezenas de homens em seus quarenta ou cinquenta anos. Ninguém sabe sua idade exata. Quando ele sorri ou gargalha, mostrando os dentes bons, todos intactos, nenhum lascado, faltando ou transformado em um toco escuro, pode passar por trinta com facilidade. Afirma que foi grumete, cozinheiro, auxiliar de curtume, já trabalhou por hora, por dia e por mês, no campo, nas docas e até mesmo, diz, no cadafalso, como ajudante do carrasco.

E, então, como se inicia uma batalha? Ele contou a ela histórias sobre batalhas, batalhas lendárias, que começam com uma canção. Um grito. Um xingamento. Uma prece. Mas, nessa agradável tarde de verão, em um pedaço de bom tamanho de território neutro entre os dois vilarejos, a batalha começa com uma pergunta.

— Quem é aquela? — pergunta o líder de Maxey, apontando na direção de Joana.

Ela responde antes de Jacquemin ter a chance de falar:

— Está falando comigo, lixo borgonhês? — Talvez as pedras escondidas entre suas saias a deixem destemida. Ou o galho que sabe que está a seu alcance no chão e que pode pegar em um piscar de olhos.

Jacquemin lança a ela um olhar fulminante, um olhar que diz: *Vá embora antes que eu conte ao nosso pai que você esteve aqui, e aí você vai se arrepender.* Ao mesmo tempo, o capitão inimigo cospe no chão. Cospe com tanta força que seria de esperar que um ou dois de seus dentes da frente acabassem indo parar na grama. Está a uma boa distância – o cuspe não chega nem perto dela –, mas Joana fica surpresa. Normalmente, apenas sua voz é suficiente para repelir seus irmãos, para fazer com que recuem. Ela se aproxima mais da árvore, ancorando-se ali.

— Vadia de Armagnac! — grita o capitão borgonhês, e uma pedra é arremessada no ar – ela não sabe dizer de qual lado veio. Não é necessariamente jogada, ela observa, na direção de nenhum alvo em particular. Joana espera, pelo bem do menino Guillaume, que ele não tenha desperdiçado seu prêmio de ponta afiada tão cedo.

Pedras voam, lançando-se no ar como pássaros zangados. Cada vez que uma pedra atinge um alvo, um ombro ou uma barriga, ouve-se um grito de dor.

Quando se esgotam as pedras, começa a luta, embora esteja mais para uma briga, cada garoto agarrando outro de altura e peso similares e rolando na terra como um só corpo. Dentes são fincados em tornozelos. Polegares apertam olhos fechados. Por toda parte, há um emaranhado de membros desengonçados, uma dança vacilante e trêmula em meio a nuvens de poeira. Os berros agudos das crianças menores cortam os gritos dos mais velhos. Ela entraria no confronto, mas não sabe por onde começar e não consegue mais distinguir o inimigo de seu próprio lado. Da próxima vez, ela pensa, seria útil se os garotos de Domrémy se identificassem de alguma forma, talvez usando um pedaço de tecido da mesma cor amarrado no braço. Ou os borgonheses poderiam se vestir como demônios chifrudos. Isso também serviria. Ao pensar naquilo, ela sorri.

Quando eles chegaram, Joana notara a linha divisória de árvores escuras que margeavam o terreno e dissera: Olhe, Jacquemin, olhe para cima. No tom de voz que nunca deixava de colocar um brilho homicida nos olhos de seu pai, ela disse ao irmão: Você devia ter começado a coletar pedras semanas atrás. Toda falsa batalha tem sua data, horário e localização determinados pelos capitães com bastante antecedência. Nós – ela se inclui nesse nós – poderíamos encontrar as melhores pedras e colocá-las em sacos erguidos com cordas até o alto das árvores. Aí cada garoto escalaria até um galho encoberto e, lá de cima, poderia emboscar os inimigos assim que chegassem. Os garotos de Maxey vão achar que o céu ou Deus está arremessando pedras neles. Vão molhar as calças. Vão sair correndo.

Mas o irmão apenas olhara feio para ela. Era um rapaz de poucas palavras. O pai acha que essa é uma de suas virtudes; ela acha que ele é apenas lento.

— Se você quiser ficar... — ele havia dito, sem terminar a frase. Tinha estendido o braço, apontando com indiferença para o campo. Procure pedras.

Ao longe, ela avista o capitão de Maxey em um entrave com Jacquemin, o que faz com que queira alcançar o irmão com um braço

longo e sacudi-lo. Não se passaram nem cinco minutos e você já precisa de minha ajuda! Mas ela se curva. O galho enche sua mão direita. Ela corre na direção das costas expostas do inimigo, cuja cabeça é como um fiapo de chama laranja, refletindo a luz do sol. Levanta o galho para golpear e também para se defender de qualquer um que pense em atacar...

Um grito a detém.

Ela ainda não chegou até a briga, mas o galho cai de sua mão. Ela se vira e olha fixamente para a direção do barulho, ainda sem saber para o que está olhando. Então vê: em meio à briga, há um espaço de silêncio. A tranquilidade parece estranha, não pertence àquele lugar. Em um canto do campo, onde dois garotos deveriam estar aos socos e chutes, um deles se afastou. O outro está caído no chão. Ela observa, mesmo ao longe, o terror pálido do rosto do garoto que se move, que recua cambaleante e quase tropeça nos próprios pés. Ele cobre a boca e limpa o que quer que haja na parte da frente da camisa, enquanto os outros também começam a tirar os olhos de seus próprios golpes. O olhar dela retorna ao menino que não se move.

Ela já sabe quem é antes de enxergar o rosto. Guillaume: sete anos, três a menos que ela. A luz que aquece sua nuca é a mesma de antes, mas diferente. Agora há algo cortante nela, como a ponta de uma faca afiada junto a sua pele. Os garotos abrem caminho para ela passar. Talvez achem que, por ser menina, ela pode ajudar de alguma forma.

Agora o inimigo voltou a se movimentar: rostos perplexos e pálidos, fugindo na direção de Maxey, onde vão se unir e não vão admitir nada. Ninguém grita nem corre para impedi-los. Quando ela se aproxima de Guillaume, eles já se foram, percorrendo a grama e as sombras das árvores com a agilidade de ladrões durante a noite.

Quando ela se aproxima, respira aliviada; ele está vivo. Então se ajoelha e sente como se tivesse engolido uma de suas pedras. Tenta se convencer de que o ferimento não é tão ruim quanto parece, de que um ferimento superficial, um simples corte, pode derramar uma quantidade surpreendente de sangue. Ela vê que os olhos de Guillaume estão abertos, que são do mesmo azul-acinzentado do céu nublado e estão fixados em um ponto muito distante.

Atrás dela, ouve Jacquemin jurar vingança. Ela se vira; não é hora para retaliação. Agora é Joana que lança olhares duros e dá ordens firmes.

— Vá buscar ajuda — ela pede.

O irmão faz um ruído, um grito sufocado, como o de um cachorro que foi pisado, e sai correndo. Três de seus seguidores vão logo atrás. Os que ficam parecem prestes a vomitar. Desviam os olhos; o sangue, ela imagina, assusta-os. Há muito.

Eles vivem em um pequeno vilarejo, então nenhum rosto permanece estranho por muito tempo. Ela já viu Guillaume sentado na soleira de sua pequena casa, enquanto a mãe cuida do jardim, considerado o melhor de Domrémy. Já o viu pegar um gato cinza, que sua família cria para acabar com os ratos, e esfregar as bochechas, primeiro uma, depois a outra, na nuca do felino. Para sua idade, ele é pequeno, e o gato deve ser pesado para se carregar por longos períodos, mas ele está sempre com o felino pendurado no ombro como um saco de farinha, sempre acariciando suas orelhas e tentando segurá-lo como um bebê, embora o animal não se deixe segurar nessa posição. Ela pensa: Um menino tão carinhoso com animais não pode ser má pessoa, pode? Rasga um pedaço de tecido da saia e o pressiona junto à testa dele. A lã fica escura, quase preta, e os dedos dela, pegajosos. O trecho de grama que vai da parte de trás do crânio dele à base do pescoço está encharcado de vermelho, como se o solo tivesse sido tingido, um pedaço de tecido verde mergulhado em uma tina escarlate. Ela ouve um som abafado no fundo da garganta dele e sente o eco na sua própria. É como se estivessem, os dois, ligados nesse breve momento; o que ele sente ela também sente, essa agitação vertiginosa e confusa, uma crescente náusea que não pode ser vomitada. As mãos dela, ora frias, ora quentes, ora frias de novo, rasgam um pedaço maior do vestido e o pressionam sobre o ferimento. Para não sentir ânsia devido ao cheiro do sangue, ela diz palavras que sabe que são vazias antes mesmo de deixarem sua boca. *É só um corte pequeno. Agente firme. A ajuda está chegando.*

Ela quer perguntar a Guillaume como aquilo aconteceu. Foi uma pedra, um pedaço de madeira ou foram apenas punhos? O garoto que fez isso tinha uma arma escondida? Mas não pergunta. Está pensando,

porque sabe que ele vai morrer: Meu rosto não deveria ser a última coisa que ele vê neste mundo. Deveria ser sua mãe, seu pai ou sua irmã no meu lugar. Até mesmo o gato. Não eu, alguém que ele mal conhece.

Ela sente que está memorizando a imagem dele, um corpo que cresceu durante sete afetuosos anos desde bebê até virar menino, dos cueiros às calças. O rosto ainda não perdeu os traços infantis. A pele é lisa e provavelmente macia, os cabelos são castanhos bem claros, da cor da luz do sol em um campo de terra. Seu sangue também parece novo, e as mãos estão cerradas em punho, como se ele ainda estivesse lutando. Uma delas se abre e ela estende o braço para alcançá-la. Fica surpresa ao sentir algo cair na palma de sua mão. Quando abaixa os olhos, vê as pedras, aquelas que deu a ele, ambas ali. Ela as envolve com os dedos. Quer perguntar, mesmo contendo as lágrimas: Você não pensou em usá-las, garoto burro? Tolo, covarde. Guardei as melhores para você.

Eles têm só três anos de diferença, mas as mãos dele não podiam ser mais distintas das dela. Sem calos. Sem aspereza. São as mãos de uma criança amada, poupada do trabalho duro. A única mancha que avista: uma cicatriz rosada, uma linha fina que avança uns dois centímetros e meio desde a ponta do polegar, na parte interna. O gato, ela suspeita. À exceção da cabeça gotejante, ele é tudo que um menino deveria ser: perfeito, saudável e forte. Por um instante, o pânico toma conta dela; Joana tem medo de que suas mãos, ásperas e grandes, e que o toque de seus dedos, duros e sólidos, o machuquem.

No momento em que o último suspiro se esvai dele, ela é capaz de sentir. É um suspiro de decepção porque ninguém, além dela, chegou para se despedir dele.

Então, subitamente, os homens chegam e ela se levanta devagar. Ela é afastada e dois homens, amigos próximos de seu pai, ficam olhando como se houvesse algo errado com ela. Açam que ela foi ferida porque suas mãos, seus pulsos e as saias sobre as quais se ajoelhou estão cobertos de sangue e seu vestido está rasgado. Perguntam se Maxey fez isso, como se o que tivesse acontecido fosse obra de um vilarejo inteiro. Mas ela diz que não, que é tudo sangue de Guillaume, e mostra a eles o tecido que usou para tentar estancar o sangramento. Eles parecem compreender; acenam com a cabeça e não dão mais atenção a ela.

É o pai de Guillaume, tirado do campo, que carrega o filho de volta a Domrémy, de volta à mãe, à avó, à irmã mais velha e ao gato. A cabeça do garoto morto pende do braço do pai, deixando um rastro carmesim na grama, como se fosse uma cobra.

Ela é a última a sair. Fica ali parada, olhando para o céu, como se esperasse que o sol brilhante lhe explicasse o que aconteceu. Sente que é importante tentar entender. Um garoto morreu. Ela o viu morrer. Em nome de que ele morreu?

Quando ela volta a si, vê que uma das suas mãos está cerrada. Surpreende-se pelo esforço necessário para abrir os próprios dedos, para revelar as pedras que tinha passado a Guillaume antes e que haviam sido devolvidas a ela. Estava segurando com tanta força que deixaram marcas avermelhadas na palma de sua mão, como pequenas pegadas de pássaros. Ela joga fora a pedra comum. Mas seu prêmio, aquela de ponta afiada, ela guarda. Coloca a pedra no bolso. Reflete, surpresa pela calma com que pondera, que se Jacques d'Arc, seu pai, fosse pai de Guillaume, o menino teria jogado as pedras para se salvar. Teria usado os punhos, e é possível que ainda estivesse vivo.

Seu pai disse aos irmãos dela (enquanto ela escutava sem ser vista): Nunca vamos ver uma grande batalha aqui, não em Domrémy. Dá para imaginar Azincourt ou Crécy acontecendo nesses campos? Nem em mil anos! E riu, limpando os dentes com unhas sujas, da cor da terra escura.

Mas, se considerarmos como as batalhas se iniciam, então esta, entre França e Borgonha, entre Domrémy e Maxey, entre crianças atiradoras de pedras nascidas em vilarejos diferentes, iniciou-se três anos antes. É uma história conhecida de todos, uma história de natureza simples, de vingança, de como o delfim, na cidade de Montereau-Fault-Yonne, fez com que João Sem Medo fosse assassinado porque estava ganhando poder demais. E agora o filho de João, Filipe, atual duque da Borgonha, diz que não vai descansar até que o delfim esteja morto.

O delfim ainda está vivo, mas, neste lugar, um garoto morreu. Era assim, seu tio Durand lhe havia dito ao terminar mais uma de suas histórias de batalha, que funcionava a guerra. Um dia está tudo bem com o mundo. Os assuntos dos monarcas são problemas apenas de alguma

linhagem real antiga que não tem nada a ver com o pobre aldeão que come repolho em todas as refeições. Os príncipes estão brigando, mas a terra está sendo cultivada, a grama está sendo cortada, as roldanas estão sendo amarradas. Até que, um dia, o guarda, bocejando, sobe as escadas que levam à ameia e, espiando por cima da beirada recortada, vê um exército de dez mil homens fortes aguardando sua rendição. Um dia, o aldeão acorda na calada da noite com a ponta de uma espada pressionada contra as costelas. Nem sempre os pais e avós morrem primeiro. Um pai, suando em seu trabalho, ouve um grito e atende rapidamente o chamado. Correndo, ele entra, como se fosse um pesadelo, em uma clareira e vê um rosto que lhe é familiar desde o nascimento. O rosto nunca mais vai acordar. Está frio quando ele o toca.

